
MARIA IRENE RAMALHO
DE SOUSA SANTOS

Faculdade de Letras da Universidade
de Coimbra

A DOENÇA DO POETA

259

Da ponderação dos versos de Alberto Caeiro sobre os poemas que escreveu «estando doente», avanço para o estudo da metáfora da doença na obra de Fernando Pessoa enquanto poeta modernista.

É

bem conhecida a advertência poética de Alberto Caeiro na décima quinta composição de *O guardador de rebanhos*:

*As quatro canções que seguem
Separam-se de tudo o que eu penso,
Mentem a tudo o que eu sinto,
São do contrário do que eu sou...*

Escrevi-as estando doente

(Pessoa, 1981:148)

Poderá, com efeito, entender-se que os quatro poemas seguintes — na perplexidade dos seus desejos e saudades e na cedência ao modo poético-metafórico — se afastam do «conceito directo das coisas», que, no dizer de Álvaro de Campos, «caracteriza a sensibilidade de Caeiro»⁽²⁾. Incapacitado, pela «doença», de «ser todo só o [seu] exterior», ou de aceitar singelamente que «tudo é como é e assim é que é», ou de se dizer, na nitidez azul do seu olhar de girassol, tão simplesmente «como o levantar-se o vento», ou, em suma, na incapacidade momentânea de «não ser poeta» e de «ver só o

*Doem-me a cabeça
e o universo...*

(Pessoa, 1982:11,
170) (1)

(1) Embora me tenha servido desta edição para a elaboração do meu trabalho, nas transcrições entendi seguir a actualização ortográfica proposta e justificada por Maria Alzira Seixo (Seixo, 1986:31-32).

(2) «Notas para a recordação do meu mestre Caeiro». Pessoa, 1981: 180-183.

visível», Caeiro é nesses quatro poemas forçado a recorrer às estratégias tradicionalmente poéticas da metaforização da realidade, assim implicitamente admitindo, ele também, o mistério do universo, e analogicamente exprimindo, com toda a clareza, o desejo (da compreensão) de ser ou a saudade (do sentido) do todo do mundo. Valerá a pena recordar aqui na íntegra as consequências deste passageiro acheque de Caeiro⁽³⁾:

*Quem me dera que a minha vida fosse um carro de bois
Que vem a chiar, manhãzinha cedo, pela estrada,
E que para de onde veio volta depois
Quase à noitinha pela mesma estrada.*

*Eu não tinha que ter esperanças — tinha só que ter rodas...
A minha velhice não tinha rugas nem cabelo branco...
Quando eu já não servia, tiravam-me as rodas
E eu ficava virado e partido no fundo de um barranco.*

*No meu prato que mistura de Natureza!
As minhas irmãs as plantas,
As companheiras das fontes, as santas
A quem ninguém reza...*

*E cortam-as e vêm à nossa mesa
E nos hotéis os hóspedes ruidosos,
Que chegam com correias tendo mantas
Pedem «Salada», descuidosos...
Sem pensar que exigem à Terra-Mãe
A sua frescura e os seus filhos primeiros,
As primeiras verdes palavras que ela tem,
As primeiras cousas vivas e irisantes
Que Noé viu
Quando as águas desceram e o cimo dos montes
Verde e alagado surgiu
E no ar por onde a pomba apareceu
O arco-íris se esbateu...*

*Quem me dera que eu fosse o pó da estrada
E que os pés dos pobres me estivessem pisando...*

*Quem me dera que eu fosse os rios que correm
E que as lavadeiras estivessem à minha beira...*

*Quem me dera que eu fosse os choupos à margem do rio
E tivesse só o céu por cima e a água por baixo...*

*Quem me dera que eu fosse o burro do moleiro
E que ele me batesse e me estimasse...*

*Antes isso que ser o que atravessa a vida
Olhando para trás de si e tendo pena...*

⁽³⁾ Além dos citados, os poemas evocados neste parágrafo são «O meu olhar é nítido como um girassol», «Não me importo com as rimas», «O meu olhar azul como o céu», «Às vezes, em dias de luz perfeita e exacta» e «A espantosa realidade das coisas» (Pessoa, 1981:138, 148, 151, 152 e 169).

O luar quando bate na relva
 Não sei que coisa me lembra...
 Lembra-me a voz da criada velha
 Contando-me contos de fadas.
 E de como Nossa Senhora vestida de mendiga
 Andava à noite nas estradas
 Socorrendo as crianças maltratadas...

Se eu já não posso crer que isso é verdade,
 Para que bate o luar na relva?

A leitura atenta dos poemas leva-nos facilmente a concluir que, «estando doente», Caeiro perde a «clara simplicidade/ /E saúde em existir/Das árvores e das plantas», esquece — ou, diria Fernando Pessoa (dito) ele-próprio, «deslembra» — o «misticismo» só do «corpo» que é a redução do sentido aos sentidos na sua radical negação da metafísica e cede irremediavelmente à «má disposição», em que Álvaro de Campos vê a fonte de toda a metafísica, de ter «opinião», ou seja, de pensar significações ocultas para os ocultos mistérios das coisas (4). Desejar para a própria vida o sem sentido do carro de bois partido e sem rodas, virado no fundo de um barranco não pode ser apenas, como o poeta argumenta noutro lugar, para melhor fazer sentir «aos homens falsos/A existência verdadeiramente real»; é antes tentar exprimir a impossibilidade de ser só a própria vida, é denunciar aquela «consciência da inconsciência da vida» que Bernardo Soares dizia ser «o mais antigo imposto à inteligência», é, no fim de contas, assumir a irrecusável condição humana, que é por isso também poética, do «desassossego», que em Bernardo Soares se projecta nos «intervalos dolorosos» do seu «entre-ser» (5).

O consenso da crítica pessoana parece reconhecer — até pela atenção que lhe tem vindo a dedicar desde a edição da Ática de 1982 — que o *Livro do desassossego* é essencial para o entendimento da «complexa personalidade poética de Fernando Pessoa» (Seixo, 1986:14) Não, decerto, porque traga algo de novo que permita esclarecer aspectos menos convincentes da nossa compreensão geral do poeta, mas porque, como sugeriu já Eduardo Lourenço, o *Livro do desassossego* «comporta todos os textos de Pessoa» na sua espantosa e definitiva *desmitificação da heteronímia* (Lourenço, 1986:90-91). A dispersa e descentrada fractura-de-ser a que chamamos modernidade poderá ser sentida, ou *sofrida*, porventura como «doença» («dói-me a imaginação não sei como, mas é ela que dói») (6), mas jamais poderá ser dita, ou *re-presentada*, a

(4) Cf. «Esta tarde a trovoadas caiu», «Deslembro incertamente. Meu passado», «Se quiserem que eu tenha um misticismo, está bem, tenho-o» e «Tabacaria» (Pessoa, 1981:140, 500, 154, 300). Sobre Caeiro, «ver sem opinião» e a modernidade poética, cf. Pimenta, 1978:125ss.

(5) Cf. «Se às vezes digo que as flores sorriem» (Pessoa, 1981:154); neste parágrafo remeto também para o *Livro do desassossego* (Pessoa, 1982:1, 66, 71, 243).

(6) Cf. «Passagem das horas» (Pessoa, 1981:287).

não ser pela oblíqua evocação da própria ausência: «sou os arredores de uma vila que não há, o comentário prolixo a um livro que se não escreveu. Não sou ninguém, ninguém». (Pessoa, 1982:1,30) Laboratório de ser, que na consciência modernista não pode ser senão «laboratório de linguagem» (7), o *Livro do desassossego* ensaia de várias formas a experiência literalmente desconcertante da irrepresentabilidade característica do desmembrado sujeito moderno, a que a ficção da ausência heteronímica na sua desmultiplicação genialmente responde em Fernando Pessoa. No deliberado fracasso de se constituir como uma totalidade linguística e textual, explícita e repetidamente assumida que é a sua natureza intervalar e interrompida, o *Livro do desassossego* diz-se — sujeito ausente em mundo incerto de nada intacto, nem o «nada» — nos interstícios do mero gosto fragmentário de «palavrar». Se a realidade não é linguisticamente representável e comunicável a não ser pela tautologia — uma espiral é uma espiral —, dizer será sempre «mentira» («uma espiral é uma cobra sem cobra enroscada verticalmente em coisa nenhuma») e dizer-se a mentira suprema (8). «Porque é tão vivo em nós o imperfeito» (faço eu dizer Wallace Stevens, poeta modernista americano contemporâneo de Pessoa), «é nosso o prazer de mentir em palavras falhas e sons obstinados» (9). Menos bem-humorado que Stevens (ou menos resignado, ou menos «realista»), Pessoa, em suas várias ficções reais de ser, não cessará de postular «diferenças» entre as quais se possa ir imaginando o que não é possível fixar na «realidade». Como no poema de Álvaro de Campos, em que nem a vagarosa minúcia de câmara lenta com que o poeta observa e se observa (e que aliás o «pre-ocupa») lhe permite encontrar-se e negar *realmente* (apesar do «sim» do último verso aqui citado) a negação primeira:

*Não: devagar
Devagar, porque não sei
Onde quero ir.
Há entre mim e os meus passos
Uma divergência instintiva.
Há entre quem sou e estou
Uma diferença de verbo
Que corresponde à realidade.*

*Devagar...
Sim, devagar...*

(Pessoa, 1981:329)

(7) Esta formulação peço-a emprestada a José Gil (Gil, s.d.:9-28).

(8) O passo sobre o «gosto de palavrar» («as palavras são para mim corpos tocáveis») e a «definição de espiral», que lindamente o ilustra, encontram-se respectivamente no início do I volume e no fim do II do *Livro do desassossego* (Pessoa, 1982:I, 15; II, 261-262).

(9) Trata-se dos três últimos versos do poema «The Poems of Our Climate»: «Note that, in this bitterness, delight,/Since the imperfect is so hot in us,/Lies in flawed words and stubborn sounds» (Stevens, 1971:158). O fecho do poema joga com a «confusão» entre os verbos (homófonos e homógrafos no presente do indicativo) *to lie, lay, lain* (estar, jazer, residir, consistir em) e *to lie, lied lied* (mentir).

A doença do poeta — de que é sintoma maior a esquiva indeterminação da linguagem — terá de entender-se nesta pessoa radical descoincidência de si e do mundo que é o fundamento mesmo da heteronímia, gênese de toda a obra de Pessoa e expressão original da sua (e nossa) modernidade: «Entre mim e o que em mim/É o quem eu me suponho,/Corre um rio sem fim», lê-se num poema de Fernando Pessoa; e, no *Livro do desassossego*, esse «supor» é explicitamente entendido como «doença», como aquela inquietação de corpo e alma de que Caeiro («saudável») é naturalmente inocente e que Ricardo Reis — qual «insciente» jogador de xadrez — artificialmente rejeita: «Caminho entre fantasmas inimigos que a minha imaginação doente imaginou e localizou em pessoas reais», exclama Bernardo Soares, para logo abaixo exprimir o desejo (como de Caeiro «doente») de ser como os «grandes montes ao crepúsculo» e de ter a sua «inconsciência», «sem critério... nem desassossegos...». A saudade impossível da «paz imensa da Natureza», do seu «sossego afastado», é a expressão possível da unidade para sempre perdida na incerta fragmentaridade do eu e do mundo, a expressão possível do sentido de ser para sempre estilhaçado na consciência da consciência. É a experiência *em negativo* da pavorosa lucidez deste existir — como ausência esquecida de si — que o *Livro do desassossego* incessantemente evoca, num discurso sempre paradoxal, por vezes hesitante, de aproximações e recuos, de saberes e ignorâncias, de memórias e esquecimentos: «Tudo que existe existe talvez porque outra coisa existe. Nada é, tudo coexiste: talvez assim seja certo. Sinto que eu não existiria, nesta hora — que não existiria, ao menos, do modo em que estou existindo, com esta consciência presente de mim, que por ser consciência e presente é neste momento inteiramente eu — se aquele candeeiro não estivesse aceso além, algures, farol não indicando nada num falso privilégio de altura. Sinto isto porque não sinto nada. Penso isto porque isto é nada. Nada, nada, parte da noite e do silêncio e do que com eles eu sou de nulo, de negativo, de intervalar, espaço entre mim e mim, coisa esquecimento de qualquer deus...»⁽¹⁰⁾

Como poderia ao poeta doer só a cabeça? Se tudo é «doença incurável» e se, «de facto, nunca estamos doentes senão em geral», ao poeta por excelência da *ausência ontológica do eu* — que sabe não poder *estar* doente senão *sendo* todo doente, «ideias e tudo» — havia por força de doer também o universo. «Dói-me tudo por não ser nada», lê-se num poema

⁽¹⁰⁾ Cf. «Entre o sono e o sonho» (Pessoa, 1981:105); e ainda Pessoa, 1982:1, 55-57; 211-212. Para a formulação *insciente jogador de xadrez*, ver «As rosas amo no jardim de Adónis» e «Ouvi contar que outrora, quando a Pérsia» (Pessoa, 1981:193 e 201).

de Fernando Pessoa; e por isso até a poesia haveria de doer ao nosso poeta primeiro da despragmatização, da incomunicação, do silêncio: «Não falo a língua das realidades», diz Bernardo Soares, convalescente de longa doença (podia ser Álvaro de Campos, ou Fernando Pessoa, ou Caeiro «doente» a [não] falar...); e um pouco mais à frente, «Doem-me as superfícies dos azuis dos tanques que criei em sonho». Quando está doente, como ele próprio diria, o poeta não está doente para outra coisa⁽¹¹⁾.

E assim volto à advertência poética de Caeiro:

*As quatro canções que seguem
Separam-se de tudo o que eu penso,
Mentem a tudo o que eu sinto,
São do contrário do que eu sou...*

Feito o aviso, necessário à tradicional convenção do pacto com o leitor, segue-se a justificação apologética — «Escrevi-as estando doente» —, que ostensivamente dará conta da mentira das canções seguintes. O que é interessante é que o poema continua, muito pessoanamente, com a explicação paradoxalmente lógica da perfeita coincidência da «mentira» das quatro composições que se seguem com a «verdade» última do poeta:

*Escrevi-as estando doente
E por isso elas são naturais
E concordam com aquilo que sinto,
Concordam com aquilo com que não concordam...
Estando doente devo pensar o contrário
Do que penso quando estou são.
(Senão não estaria doente),
Devo sentir o contrário do que sinto
Quando sou eu na saúde,
Devo mentir à minha natureza
De criatura que sente de certa maneira...
Devo ser todo doente — ideias e tudo.
Quando estou doente, não estou doente para outra cousa.*

*Por isso essas canções que me renegam
Não são capazes de me renegar
E são a paisagem da minha alma de noite,
A mesma ao contrário...*

(Pessoa, 1981:148)

⁽¹¹⁾ A realidade como doença incurável é concepção de Bernardo Soares (Pessoa, 1982:II, 190); que só estamos doentes «em geral» é a formulação feliz de Boaventura de Sousa Santos (Santos, 1987:46); sobre Pessoa como a expressão poética possível da experiência moderna da ausência de ser tem Eduardo Lourenço escrito as páginas mais eloquentes (e.g., Lourenço, 1986:81-95); Alberto Pimenta tratou esta última questão do ponto de vista poético (ou, diria ele, «poetográfico») em *O silêncio dos poetas* (Pimenta, 1978:58ss). Neste parágrafo remeto ainda para «Na noite que me desconhece» (Pessoa, 1981:397) e para o *Livro do desassossego* (Pessoa, 1982:II, 100-104).

Chegados aqui, que resta senão perguntar, com Bernardo Soares, «[e] o que era ser são?» Não poderia acontecer que, «a ser doença, a doença [fosse] mais desejável... do que a saúde?» O que estou a sugerir é que a doença de Caetano — literalmente, o mal-estar, a má-disposição ontológica que afecta a consciência moderna — é a grande metáfora para a poética pessoana ainda possível. É ela a mestra da indiferença serena, ou construída boa-disposição, de Ricardo Reis («como as pedras na orla dos canteiros/O Fado nos dispõe e ali ficamos»), é ela a génese da febre eléctrica de Álvaro de Campos, poeta-pirata de mórbido pensamento, à vã abordagem excessiva do grande navio triunfal de ser-toda-a-gente-em-toda-a-parte («arde-me a cabeça de vos querer cantar com um excesso»), é ela o fundamento da dor de ser (mais do que «de pensar») do Pessoa ortónimo, a quem dói, suposta e realmente, o sentir e o viver, e a quem doem ainda a alma, o coração e a hora. De todos, o mais estridente e agressivamente doente é Álvaro de Campos, louco de tão obscenamente lúcido acerca da sua própria metáfora: «Não ser doente de uma doença incurável/.../Merda! Sou lúcido»⁽¹²⁾.

A loucura, lembra-nos Susan Sontag (1978:35), como índice de superior sensibilidade e de maior refinamento intelectual e crítico, é a doença que no século XX desempenha o papel metafórico que no século XIX coubera à tuberculose, e dela faz também Fernando Pessoa o elogio no famoso poema das *Quinas* dedicado a D. Sebastião na *Mensagem*: «Sem a loucura que é o homem/Mais que a besta sadia/Cadáver adiado que procria» (Pessoa, 1981:10). Que é a loucura a cura — eis a desconstrução da metáfora da doença, tão frequente em Álvaro de Campos:

*Ora até que enfim..., perfeitamente...
Cá está ela!
Tenho a loucura exactamente na cabeça.
Meu coração estourou como uma bomba de pataco,
E a minha cabeça teve o sobressalto pela espinha acima...*

Graças a Deus que estou doido!

(Pessoa, 1981:344)

⁽¹²⁾ Ao trocadilho contido no «ser são» na poesia de Pessoa aludiu já brevemente Monteiro, 1985:417-418 (*são/ser* e *são/saúde*); a minha referência imediata aqui é, porém, o *Livro do desassossego* (Pessoa, 1982:II, 61-62). Faço ainda alusão a poemas de Reis e Campos: «Cada um cumpre o destino que lhe cumpre», «Ode triunfal» e «Cruzou por mim, veio ter comigo, numa rua da Baixa» (Pessoa, 1981:229, 240 e 348-349). Sobre as dores do Pessoa ortónimo, v. «Lenta e quieta a sombra vasta», «Cansa ser, sentir dói, pensar destrui», «Dói viver, nada sou que valha ser», «Tenho esperança? Não tenho» e «Oca de conter-me» (Pessoa, 1981:88, 371, 376, 444 e 467). Sobre a «dor de pensar» em Fernando Pessoa escreveu Jacinto do Prado Coelho algumas páginas de grande lucidez (Coelho, 1980:97-102).

O autodiagnóstico da loucura surge aqui como a solução, ou o remédio, para a angústia visceral do desassossegado cuidado de existir. Metáfora da metáfora, por assim dizer, a loucura do poeta é neste poema desejada como a náusea do bêbado cujo vômito de novo lhe disporá bem estômago e intestinos:

*Graças a Deus, porque, como na bebedeira,
Isto é uma solução.
Arre, encontrei uma solução, e foi preciso o estômago!
Encontrei uma verdade, senti-a com os intestinos!*

(Pessoa, 1981:345)

Não é, de resto, por acaso que Álvaro de Campos é o mais *mal-disposto* dos heterónimos pessoanos; é que ele é o mais ostentativamente modernista de todos eles, o mais preocupado e interrogativo, o mais irrequieto e barulhento. Dilacerado de corpo e alma, infinitamente queixoso, constantemente vociferando contra as vísceras e o enjôo físico e metafísico, constantemente clamando por enfermeiras e remédios, Campos é sem dúvida o mais *desinquieta*, o mais *doente* dos poetas modernistas que eu conheço. E a verdade é que nenhum deles é alheio às indisposições do tempo.

Num outro lugar, e numa associação com Pessoa que tenho vindo a fazer desde há algum tempo, referi uma vez de passagem uma «dor de garganta» num poema de Stevens, datado de 1921 (Santos, 1984:23); mas se é das vias respiratórias a doença do poeta americano — na sugerida mudez dissonante da voz poética de outrora a ténue conjectura apenas da sua renovação na convalescença da «quotidiana mazela» —, o mal-estar que faz pregas na alma de Álvaro de Campos é claramente concebido como angústia de origem gástrica, do lado de lá da fala e do silêncio, a que só o vômito poderá trazer alívio. «Tenho uma indigestão na alma», diz Bernardo Soares no *Livro do desassossego* (Pessoa, 1982:I,139-40) à maneira de Campos; este, por sua vez, para remédio possível dos seus amargos de boca da alma, não poderia desejar senão bicarbonato de soda. Por seu lado, Stevens — se bem que de igual modo atento à moderna *susceptibilidade de ser* — fica-se muito decorosamente por dores menos obscenas e grotescas, como a faringite ou a dor-de-costas (nada apocalíptica) de S. João. Por vezes, como em «Sailing after Lunch», a azia de um almoço mais pesado pode perturbar o romantismo de um cruzeiro poético tradicional, mas a droga que o modernista americano inventa, como cómica panaceia dos desarranjos da poesia ainda possível e desejável na tradição romântica anglo-americana, é o «Cânone Aspirina», cujo sono analgésico promete de certo uma vez mais a «cura» no nada

nu e transparente da compósita harmonia originária, cantada na terceira secção de «Notes toward a Supreme Fiction». Fernando Pessoa, mais implacável ainda do que Stevens no manejo da ironia — essa faculdade que, no dizer de Bernardo Soares, é «indício de que a consciência se tornou consciente» (Pessoa, 1982:II, 218) — subverte de formas várias, não raro perversas, como faz de resto com muitos outros recursos estéticos tradicionais, o uso que ele próprio dá à metáfora da doença⁽¹³⁾.

Como é sabido, o poeta, cuja saúde frágil o abuso prolongado do álcool, do tabaco, das desoras — da «desponderação», enfim — há muito deixara já irrecuperável; o poeta, dizia eu, real e clinicamente *doente*, foi internado no Hospital de S. Luís dos Franceses em Lisboa, em 28 de Novembro de 1935, acometido de uma última e fulminante cólica hepática, tendo morrido dois dias mais tarde. Num poema de «ele próprio», datado de 19 desse mesmo mês, numa altura em que a disposição física do poeta não podia ser das melhores, o tema é, uma vez mais, a imensa dor metafísica, a dor infinitamente inútil de ser, e a doença é ainda a metáfora estruturante. Os versos sucedem-se, em pungente serenidade, demorada cadência de sofrimento altivo e resignado ante a consciência do absurdo e da negatividade absoluta, até ao fecho inesperado, dissonante e anticlimático do poema. Em desgarrado verso final, o remédio que o poeta solicita para a sua doença metafórica — um poeta que estava então *na realidade* praticamente a morrer de cirrose hepática — é o vinho:

*Há doenças piores que as doenças,
Há dores que não doem, nem na alma
Mas que são dolorosas mais que as outras.
Há angústias sonhadas mais reais
Que as que a vida nos traz, há sensações
Sentidas só com imaginá-las
Que são mais nossas do que a própria vida.
Há tanta coisa que, sem existir,
Existe, existe demoradamente,
E demoradamente é nossa e nós...
Por sobre o verde turvo do amplo rio
Os circunflexos brancos das gaivotas...
Por sobre a alma o adejar inútil
Do que não foi, nem pode ser, e é tudo.
Dá-me mais vinho, porque a vida é nada.*

(Pessoa, 1981:120)

⁽¹³⁾ Trata-se de «The Man Whose Pharynx Was Bad» (Stevens, 1971:51). Outros poemas de Pessoa/Campos mencionados são: «Esta velha angústia», «Não estou pensando em nada» e «Bicarbonato de soda» (Pessoa, 1981:324, 332 e 314). Sobre a «susceptibilidade de ser», v. «A Discovery of Thought»: «The first word would be of the susceptible being arrived» (Stevens, 1971:366); Em «Saint John and the Back-Ache» o Evangelista tem um diálogo interessante com a sua dor-de-costas (Stevens, 1971:328).

Vinho? «Branco ou tinto», diz Álvaro de Campos da vida, «é o mesmo: é para vomitar» (Pessoa, 1981:355) ⁽¹⁴⁾.

Como para muitos outros poetas na tradição poética ocidental, também para o poeta modernista a doença é o único remédio para esse desvio de ser que é a dor de existir na consciência da consciência: «Vim para aqui repousar,/Mas esqueci-me de me deixar lá em casa./Trouxe comigo o espinho essencial de ser consciente./A vaga náusea, a doença incerta de me sentir». A doença como metáfora, claro; mas o poeta fingidor não cessa de fingir o seu próprio finge-dor. Em outro poema de Álvaro de Campos o uso da metáfora da doença na poesia pessoana é subvertido da forma mais jocosa pela postulação de um poeta doente «de verdade», cuja constipação física lhe acarreta decididamente consequências metafísicas:

*Tenho uma grande constipação,
E toda a gente sabe como as grandes constipações
Alteram todo o sistema do universo,
Zangam-nos contra a vida,
E fazem espirrar até à metafísica.
Tenho o dia perdido cheio de me assoar.
Dói-me a cabeça indistintamente.
Triste condição para um poeta menor!
Hoje sou verdadeiramente um poeta menor.
O que fui outrora foi um desejo; partiu-se.*

*Adeus para sempre, rainha das fadas!
As tuas asas eram de sol, e eu cá vou andando.
Não estarei bem se não me deitar na cama.
Nunca estive bem senão deitando-me no universo.*

*Excusez un peu... Que grande constipação física!
Preciso de verdade e da aspirina.*

(Pessoa, 1981:318)

No seu todo, o poema parece um comentário trocista a um passo angustiado do *Livro do desassossego* sobre o horror do tédio: «Não há mal estar físico, salvo que o mal estar da alma é tão grande que passa pelos poros do corpo e o inunda a ele também»; no seu efeito desconcertante, o fecho cómico do poema, por sua vez, quase autoriza conjecturar se a constipação «real» do poeta lhe não terá sobrevivido, afinal, do frio que apanhou na «Ode marítima», o «frio repentino da porta para o Mistério que se abriu dentro de [si] e deixou entrar uma corrente de ar!» (Pessoa, 1981:266) ⁽¹⁵⁾.

Sobre a «cura» poética em Stevens, v. «The Rock» II (Stevens, 1971:365) e ainda os celebrados aforismos: «Poetry is a health» e «Poetry is a cure of the mind» (Stevens, 1966:176).

⁽¹⁴⁾ «Desponderado» é o pessoano título de um dos capítulos finais da biografia de Pessoa por João Gaspar Simões (Simões, 1981:665ss).

⁽¹⁵⁾ Para este parágrafo, cf. ainda «Vilegiatura» e (sobre o fingimento) «Autopsicografia» (Pessoa, 1981:353-355 e 98). Sobre o trocadilho *fingidor/finge-dor*, cf. Monteiro, 1985:409ss.

[Sinto-me] tão real como uma metáfora,/Como uma frase escrita por um doente», confessa o poeta, nesse poema de Álvaro de Campos onde a vida mais intensamente lhe parece doer que é «A passagem das horas» (Pessoa, 1981:281-282). Doentes que assim fingem tão completamente as doenças que deveras têm («Não sei o que desgosta/A minha alma doente./Uma dor suposta/Dói-me realmente» (Pessoa, 1981:465) serão muitas vezes o desespero dos médicos. O próprio poeta, num gesto decisivo de desmistificação de uma metáfora que é tão central à sua poesia, reconheceu um dia que «nenhuma dor das que esfacelam a alma consegue ser tão realmente dor como a dor de dentes, ou a das cólicas, ou (suponho [acrescenta o poeta com tocante honestidade]) a dor de parto» (Pessoa, 1982:1,238). Em todo o caso — neste tempo de profunda questionação de distinções como ciências naturais, ciências sociais e humanidades; ciência, senso comum e poesia; arte e vida; saúde e doença — não ficará mal à medicina repensar, nos poemas (da doença) do poeta — que é ninguém e todos-nós — a sobrevivência magnífica do saber-viver essencial do nosso ser-nada indeclinável⁽¹⁶⁾. ■

(16) Na minha conclusão remeto para Santos, 1987:53 e *passim*.

Maria Irene Ramalho
de Sousa Santos

Referências Bibliográficas

- 270
- | | | |
|--------------------------------|----------------|--|
| Coelho, Jacinto do Prado | 1980 | <i>Diversidade e unidade em Fernando Pessoa</i> . 6.ª edição. Lisboa, Verbo |
| Gil, José | s.d.
[1987] | <i>Fernando Pessoa ou a metafísica das sensações</i> . Lisboa, Relógio d'Água |
| Lourenço, Eduardo | 1986 | <i>Fernando, rei da nossa Baviera</i> . Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda |
| Monteiro, George | 1985 | «Fernando, Old Artificer», <i>Actas do II Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos</i> . Porto, Centro de Estudos Pessoaanos |
| Pessoa | 1981 | <i>Obra poética</i> . Rio de Janeiro, Nova Aguilar |
| Pessoa | 1982 | <i>Livro do desassossego por Bernardo Soares</i> . Recolha e transcrição de textos de Maria Aliete Galhoz e Teresa Sobral da Cunha; prefácio e organização de Jacinto do Prado Coelho. Lisboa, Ática, Vols. I e II |
| Pimenta, Alberto | 1978 | <i>O silêncio dos poetas</i> . Lisboa, A Regra do Jogo |
| Santos, Boaventura S. | 1987 | <i>Um discurso sobre as ciências</i> . Porto, Afrontamento |
| Santos, M. Irene Ramalho de S. | 1984 | «À roda de Stevens», <i>Cadernos de Literatura</i> , n.º 19 |
| Seixo, Maria Alzira | 1986 | <i>Livro do desassossego de Bernardo Soares</i> . Apresentação crítica, selecção e sugestões para análise literária de Maria Alzira Seixo. Apêndice bibliográfico de José Blanco. Lisboa, Editorial Comunicação |
| Simões, João Gaspar | 1981 | <i>Vida e obra de Fernando Pessoa</i> . 4.ª edição. Lisboa, Bertrand |
| Sontag, Susan | 1978 | <i>Illness as Metaphor</i> . Nova Iorque, Farrar, Straus & Giroux |
| Stevens, Wallace | 1966 | <i>Opus Posthumous</i> . Ed. Samuel French Morse, 2.ª edição, Nova Iorque, Alfred A. Knopf |
| Stevens, Wallace | 1971 | <i>The Palm at the End of the Mind: Selected Poems and a Play</i> . Ed. Holly Stevens. Nova Iorque, Vintage |